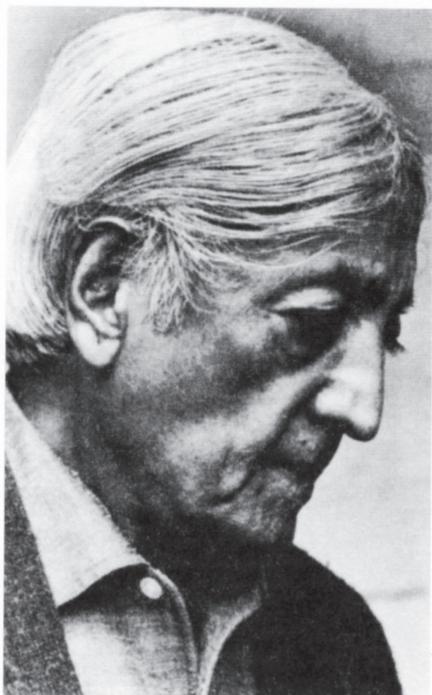


NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI

**Boletim 50
2012**



Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895. Com a idade de 13 anos passou a ser educado pela Sociedade Teosófica, que o considerava um dos grandes Mestres do mundo. Krishnamurti em breve viria a emergir como um Mestre extraordinário e inteiramente descomprometido, tendo abandonado aquela organização em 1929. As suas palestras e escritos não se ligam a nenhuma religião específica nem pertencem ao Oriente ou ao Ocidente, mas sim ao mundo na sua globalidade:

“Afirmando que a Verdade é uma terra sem caminho. O homem não pode atingi-la por intermédio de nenhuma organização, de nenhum credo (...) Tem de encontrá-la através do espelho do relacionamento, através da compreensão dos conteúdos da sua própria mente, através da observação. (...)”

Durante o resto da sua existência, foi rejeitando insistentemente o estatuto de guia espiritual que alguns tentaram atribuir-lhe. Continuou a atrair grandes audiências por todo o mundo, mas recusando qualquer

autoridade, não aceitando discípulos e falando sempre como se fosse de pessoa a pessoa. O cerne do seu ensinamento consiste na afirmação de que a necessária e urgente mudança fundamental da sociedade só pode acontecer através da transformação da consciência individual. A necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separativas das religiões organizadas, dos nacionalismos e de outros condicionamentos, foram por ele constantemente realçadas. K. chamou sempre a atenção para a necessidade urgente de um aprofundamento da consciência, para esse *“vasto espaço que existe no cérebro onde há inimaginável energia”*. Essa energia parece ter sido a origem da sua própria criatividade e também a chave para o seu impacto catalítico numa tão grande e variada quantidade de pessoas.

A Educação foi sempre uma das preocupações de Krishnamurti. Fundou várias Escolas em diferentes partes do mundo onde crianças, jovens e adultos podem aprender juntos a viver um quotidiano de compreensão da sua relação com o mundo e com os outros seres humanos, de descondicionamento e de florescimento interior.

Durante a sua vida, K. viajou por todo o mundo falando às pessoas, tendo falecido em 1986, com a idade de 90 anos. As suas palestras e diálogos, diários e outros escritos estão reunidos em mais de 60 livros.

Amigos de K., reconhecendo a importância dos seus ensinamentos, estabeleceram *Fundações* na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e na Índia, assim como *Centros de Informação* em muitos países do mundo, onde se podem colher informações sobre Krishnamurti e a sua obra. As Fundações têm carácter exclusivamente administrativo e destinam-se não só a difundir a obra de K. mas também a ajudar a financiar as escolas experimentais por ele fundadas.

INFORMAÇÕES

Caros amigos,

Esperamos encontrar todos bem.

Alguns de vós têm estado em contacto regular connosco através do correio electrónico, meio que privilegiamos para comunicar mais proximamente com quem está interessado nos ensinamentos de Krishnamurti. Ainda assim, decidimos enviar este boletim a quem assim prefere.

Caso necessitem de mais exemplares do boletim anual podem enviar-nos um email a fazer o pedido para o nosso email: **nucleok@sapo.pt**.

Este boletim demorou um pouco mais a ser preparado pois estivemos a aguardar informações importantes que entretanto não puderam ser confirmadas, e ainda a publicação do Boletim de 2012 da Fundação Krishnamurti, que só foi distribuído em Março de 2013.

Algumas mudanças avizinham-se, de novo, no seio deste Núcleo, das quais nos próximos meses serão informados.

~ ~ ~

NOTÍCIAS DO NÚCLEO K

Em Julho de 2013 irá decorrer em Brockwood Park, na Fundação Krishnamurti, mais uma Reunião Internacional dos Comitês Krishnamurti, na qual estaremos presentes, acompanhados de representantes dos comitês K na Europa e de vários outros países do mundo.

Esta reunião será seguida de uma outra reunião de todas as pessoas activamente envolvidas na tradução dos DVD's.

~ ~ ~

Apesar dos contactos que temos tido ao longo deste último ano com editoras potencialmente interessadas na edição ou reedição de livros de K, ainda não existem quaisquer confirmações. Existem algumas possibilidades de

edição mas desde que o investimento financeiro venha da nossa parte, o que não é viável para este Núcleo.

~ ~ ~

Temos recebido vários emails de pessoas interessadas em colaborar nas traduções dos DVD's e dos vídeos disponíveis no site oficial J. Krishnamurti Online ¹, a quem desde já agradecemos. Este sítio tem crescido bastante com a colaboração de muitas pessoas activamente envolvidas nas traduções em todo o mundo, sendo possível encontrar gratuitamente vídeos, livros e textos, em inglês, português, espanhol, italiano, francês, holandês e chinês.

~ ~ ~

Também nos têm contactado para obter informações sobre a existência de reuniões de interessados em K, pelo que temos mediado os contactos entre pessoas da mesma zona que organizam informalmente os seus encontros e criam grupos de diálogo.

Agradecemos a todos os que nos têm enviado emails demonstrando disponibilidade em colaborar connosco de diversas formas.

Informamos que quem tenha possibilidade e vontade de contribuir para as despesas deste Núcleo (por exemplo com a impressão e distribuição deste boletim) nos faça chegar o seu donativo por transferência bancária para o NIB: 003507210001784860024 (CGD). Ficamos muito gratos pelo vosso apoio, pois as mais pequenas contribuições permitem a continuidade do trabalho do NKP.

~ ~ ~

O Núcleo Krishnamurti Portugal continua no facebook em:
[facebook.com/nucleoculturalkrishnamurtiportugal](https://www.facebook.com/nucleoculturalkrishnamurtiportugal)

¹ Informação constante do site: www.jkrishnamurti.org: "J. Krishnamurti Online é o único repositório oficial online dos ensinamentos de J. Krishnamurti. O que começou com a necessidade de disponibilizar online e gratuitamente os ensinamentos de Krishnamurti, transformou-se num recurso maravilhoso: uma enorme biblioteca de textos, vídeos e áudios, todos disponíveis gratuitamente em até oito idiomas. Tornou-se um grande recurso. No entanto, existe ainda uma grande quantidade de trabalho a ser feito.

Este site é autossustentável, livre de publicidade, e seu apoio é essencial para que ele continue a florescer e chegar às pessoas em todo o mundo.

No ano passado, 400.000 pessoas de todos os continentes do mundo visitaram o site, 100.000 a mais que em 2010 - todas elas estão aceitando o desafio de realmente mudar, fazer uma nova sociedade. Os ensinamentos de Krishnamurti mostram-se totalmente relevantes para fazer face à enorme crise que o mundo ainda enfrenta em 2012."

NOTÍCIAS DA FUNDAÇÃO K

- Publicações

Novas edições em inglês: Uma nova edição revista e alargada de *The Ending of Time* está em preparação para ser apresentada a uma editora em 2013.

A editora Rider Books adquiriu os direitos para *The First and Last Freedom*, planeando publicá-la no Reino Unido em 2013.

- Novos DVDs and MP3

DVDs

- *Can fear be completely wiped away?*

Conversation with Ronald Eyre, Brockwood Park, UK, 1972

- *The ending of time* (conversations 9 to 15)

Seven conversations with David Bohm, Brockwood Park, UK, 1980

- *Conversations with Pupul Jayakar*

Two conversation with Pupul Jayakar, Brockwood Park, UK, 1981

- *A possibility of change* - First release

• *Can human beings radically bring about in themselves a psychological revolution?* - First release

Two discussions with students at University of Southern California, USA, 1971

- *What is the meaning of education?* - First release

Four discussions with teachers and parents, Ojai, USA, 1977

- *Why does the mind live in time?*

Four talks and two Q&A, Brockwood Park, UK, 1980

- *Our consciousness is the common ground on which all humanity stands*

Four talks and two Q&A, Brockwood Park, UK, 1981

- *Can the brain ever be quiet?*

Three seminar meetings with scientists, Brockwood Park, UK, 1984

Novos DVDs com legendas em português

- *The nature of the mind*

Four conversations with Drs Bohm, Sheldrake & Hidley, Ojai, California, USA 1982

- *The movement of desire*

Six public meetings, Brockwood Park, UK, 1978

MP3

- *How do you observe a fact?*

Four Public Talks in Amsterdam, Netherlands, 1971

- *Learning implies a mind that doesn't know*

Discs 1 & 2 - First release

Fourteen public meetings in Saanen, Switzerland, 1971

- *Truth, actuality, and the limits of thought*

Discs 1 & 2 - First release

Twelve conversations with David Bohm, Brockwood Park, UK and Gstaad, Switzerland, 1975

~ ~ ~

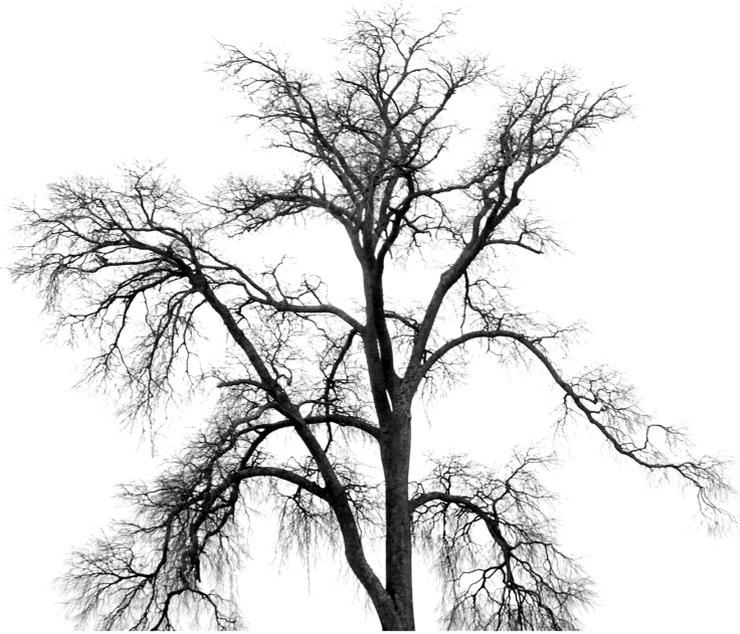
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO NÚCLEO KRISHNAMURTI

O Centro de Documentação do NCK existe para servir as pessoas que se interessam seriamente pelo estudo do ensinamento de K. Pedimos a todos aqueles que pretendam utilizar espaço ou os recursos disponíveis, que nos contactem com a devida antecedência por e-mail ou pelos n.ºs de telemóvel 965477360 ou 969734650.

Durante este ano, tivemos mais uma vez algumas visitas de pessoas da área de Braga e do Porto mas também de outros países.

O Centro, devido a certas limitações objectivas, sendo a maior delas a falta de verbas para substituição, actualização ou aquisição de novos materiais, está vocacionado sobretudo para consulta no local. Quanto a empréstimos, está fora de questão a cedência de material audiovisual (CD's, DVD's, Áudio e Vídeo cassetes), pela degradação técnica ocasionada pelos diferentes equipamentos, e também por ser dispendiosa, para nós, a sua substituição em caso de dano ou extravio. Os livros a emprestar serão apenas aqueles que temos em duplicado, e mediante um depósito reembolsável.

Pedimos a compreensão dos nossos leitores quanto a estas limitações, mas elas destinam-se somente a contribuir para a preservação de um património que fomos construindo ao longo dos anos e que queremos deixar em boas condições à geração seguinte.



Criar um Mundo Novo

Se vocês quiserem criar um mundo novo, uma nova civilização, uma nova arte, tudo novo, sem ser contaminado pela tradição, pelo medo, pelas ambições, se vocês querem criar algo anônimo que é vosso e é meu, uma nova sociedade, juntos, na qual não existe vocês e eu, mas um «sentido de nós», não tem de haver, para isso, uma mente que seja completamente anônima, e por conseguinte, só? Isto implica, não é verdade, que tem de haver uma revolta contra a conformidade, uma revolta contra a respeitabilidade, porque o homem respeitável é o homem medíocre porque quer algo – está dependente da influência para ser feliz, do que o vizinho pensa, do que o seu guru pensa, do que o Bhagavad-Gita, ou os Upanishades, ou a Bíblia, ou o Cristo dizem. A sua mente nunca está só. Ele nunca caminha só, mas sempre com companhia, com a companhia das suas ideias.

Será que não é importante descobrir, ver todo o significado da interferência, da influência, da implementação do «eu», que é o contrário do anônimo? Ao vermos tudo isto, não se levantará inevitavelmente a questão: será possível fazer surgir de forma imediata esse estado da mente que não se encontra influenciado, que não pode ser influenciado pela sua própria experiência ou pela experiência dos outros, uma mente que é incorruptível, que está só? É somente então que existe a possibilidade de fazer surgir um mundo diferente, uma cultura diferente, uma sociedade diferente na qual a felicidade é possível.

in A VIDA

REVOLUÇÃO

Apercebemo-nos, penso eu, sem muita discussão, sem muita expressão verbal, que há caos, confusão e infelicidade tanto a nível individual como colectivo. Não existe somente na Índia, mas em todo o mundo; na China, na América, na Inglaterra, na Alemanha – por todo o mundo há confusão e sofrimento crescentes. Não são factos apenas nacionais, não existem particularmente aqui, existem em todo o mundo. Há um sofrimento extremamente intenso, e não é só individual mas colectivo. Trata-se portanto de uma catástrofe mundial, e limitá-la a uma área geográfica, a uma secção colorida do mapa, é absurdo; porque então não compreenderemos a completa significação deste sofrimento tanto mundial como individual. E estando conscientes desta confusão, qual é hoje a nossa resposta? Como reagimos?

Há sofrimento social, político, religioso; todo o nosso ser psicológico está confuso, e todos os líderes, políticos e religiosos nos falharam; todos os livros perderam a sua significação. Pode-se recorrer ao *Bhagavad Gita* ou à Bíblia, ou ao mais recente tratado de política ou psicologia, e descobrir-se-á que eles perderam essa qualidade de autenticidade, de verdade, tornaram-se meras palavras. Vós mesmos, que sois repetidores dessas palavras, estais confusos e incertos, e a simples repetição das palavras não transmite nada. Portanto, as palavras e os livros perderam o seu valor; isto é, se citais a Bíblia, ou Marx ou o *Bhagavad Gita*, tal como vós, que os citais estais vós mesmos incertos, confusos, a vossa repetição torna-se uma mentira; porque o que aí está escrito torna-se mera propaganda, e a propaganda não é a Verdade. Assim, quando repetis, deixais de compreender o vosso próprio estado de ser. Estais apenas a cobrir com palavras de autoridade a vossa própria confusão. Mas o que estamos a tentar fazer é compreender esta confusão e não a encobri-la com citações; assim qual é a vossa resposta a isso? Como é que respondeis a este caos extraordinário, a esta confusão, a esta incerteza da existência? Tomai consciência disto, enquanto eu a investigo: segui, não as minhas palavras, mas o pensamento que está activo em vós.

Muitos de nós estão acostumados a ser espectadores e a não tomar parte no jogo. Lemos livros, mas nunca escrevemos livros. Tornou-se tradição nossa – o nosso hábito nacional e universal – sermos espectadores, assistir a um desafio

de futebol, ouvir os políticos e oradores públicos. Somos meros assistentes, e perdemos a capacidade criativa. Sendo assim, queremos absorver e participar.

Mas se ficarmos meramente a olhar, se somos meros espectadores, perderemos inteiramente a significação deste discurso, porque isto não é uma conferência que ficais a ouvir por força de hábito. Não vou dar-vos nenhuma informação que podeis colher numa enciclopédia. O que vamos tentar fazer é compreender os pensamentos uns dos outros, para entender, tanto quanto possível, tão profundamente quanto pudermos, as sugestões, as reacções dos nossos próprios sentimentos. Assim, averiguaremos qual é a nossa resposta a esta causa, a este sentimento; não quais são as palavras de outra pessoa, mas como nós mesmos respondemos. A nossa resposta será de indiferença, se beneficiamos do sofrimento, do caos, se tiramos proveito dele, seja ele económico, social, político ou psicológico. Sendo assim, não nos importamos se este caos continuar.

Seguramente, quanto maior perturbação houver no mundo, quanto mais caos, mais a pessoa procura segurança. Não reparastes nisso? Quando há confusão no mundo, psicologicamente e de todas as maneiras, a pessoa fecha-se em alguma espécie de segurança, seja numa conta no banco, seja numa ideologia; ou então, volta-se para a oração, vai ao templo – o que significa fugir do que está a acontecer no mundo. Cada vez mais se estão a formar seitas, cada vez mais “ismos” estão a espalhar-se por todo o mundo. Porque quanto mais confusão existe, mais se deseja um líder, alguém que nos guie e nos ajude a sair desta confusão, e assim voltamo-nos para os livros religiosos, ou para um dos mais recentes instrutores; ou então agimos e respondemos de acordo com um sistema que parece resolver o problema, um sistema de “esquerda” ou de “direita”. Isso é exactamente o que está a acontecer.

No momento em que nos damos conta da confusão, tentamos fugir-lhe. Aqueles que oferecem um sistema para a solução do sofrimento, económico, social ou religioso, são os piores; porque então o sistema torna-se importante e não o homem – seja ele um sistema religioso ou um sistema de “esquerda” ou de “direita”. O sistema torna-se importante, a filosofia, a ideia, torna-se importante e não o ser humano; e por causa da ideia, da ideologia, está-se disposto a sacrificar toda a humanidade, o que é exactamente o que está a acontecer no mundo. Isto não é meramente a minha interpretação; se observarmos, veremos que é exactamente o que está a suceder. O sistema tornou-se importante. Portanto, como o sistema se tornou importante, os seres humanos – vós e eu – perdem significação; e os controladores do sistema, seja

ele religioso ou social, seja da “esquerda” ou da “direita”, assumem o poder e por isso assumem autoridade, e portanto sacrificam o indivíduo. Isso é, sem dúvida o que acontece.

Ora, qual é a causa desta confusão, desta angústia? Como é que esta angústia surge, este sofrimento, não apenas interiormente, mas também exteriormente, este medo, esta expectativa de guerra, a terceira guerra mundial que nos ameaça? Qual é a causa de tudo isto? Certamente que isto indica o colapso de todos os valores morais, espirituais, e a glorificação de todos os valores sensuais, do valor das coisas feitas pela mão ou pela mente. Que acontece quando temos outros valores, excepto o valor das coisas dos sentidos, o valor dos produtos da mente, da mão ou da máquina? Quanto mais significação damos ao valor sensorial das coisas, tanto maior a confusão, não é assim? Volto a dizer que isto não é uma teoria minha. Não precisamos de citar livros para vermos que os nossos valores, as nossas riquezas, a nossa existência económica e social são baseados em coisas feitas pela mão ou pela mente. Deste modo, vivemos, funcionamos e temos o nosso ser impregnado de valores sensoriais, o que significa que as coisas, as coisas da mente, as coisas da mão e da máquina se tornam importantes; e quando as coisas se tornam importantes, a crença torna-se predominantemente significativa – o que está exactamente a suceder no mundo, não é verdade? Assim, dar cada vez mais significação aos valores dos sentidos cria confusão; e estando em confusão, tentamos fugir dela por vários meios, quer religiosos, económicos ou sociais, ou pela ambição, pelo poder, pela procura da Realidade. Mas o Real está próximo, não temos de procurá-lo; e um homem que procura a Verdade não é capaz de a encontrar.

A Verdade está no que é – e nisto reside a sua beleza. Mas no momento em que pensamos nela, em que a buscamos, começamos a lutar, e um homem que luta não é capaz de compreender. É por isso que precisamos de estar tranquilos, de ser observadores, passivamente vigilantes. Vemos que o nosso viver, a nossa acção está sempre dentro do campo da destruição, dentro do campo do sofrimento psicológico; como uma onda, a confusão e o caos submergem-nos sempre. Não existe um intervalo na confusão da existência.

O que quer que façamos presentemente parece conduzir ao caos, parece conduzir ao sofrimento e à infelicidade. Olhemos para as nossas vidas e veremos que o nosso viver está sempre na orla do sofrimento. O nosso trabalho, a nossa actividade social, as nossas políticas, as várias reuniões de nações para parar a guerra, tudo isso produz mais guerra. A destruição vem

sempre na esteira do viver; o que quer que façamos conduz à morte. Isso é o que está de facto a acontecer.

Seremos nós capazes de pôr fim a esta infelicidade imediatamente, e não continuarmos sempre a ser apanhados pela onda de confusão e sofrimento? Isto é, grandes mestres espirituais, como Buda ou Cristo, vieram, aceitaram a fé, tornando-se, talvez, libertos da confusão e do sofrimento. Mas não impediram o sofrimento, não acabaram com a confusão. A confusão e o sofrimento continuam. Se nós, vendo esta confusão social e económica, este caos, esta infelicidade, nos refugiamos na chamada “vida religiosa” e abandonarmos o mundo, poderemos sentir que estamos a juntar-nos a esses grandes mestres; mas o mundo continua com o seu caos, a sua infelicidade e destruição, com o sofrimento permanente – sofrimento dos seres ricos e pobres. Assim, o nosso problema, vosso e meu, é se poderemos sair desta desgraça instantaneamente. Se, vivendo no mundo, recusarmos fazer parte dele, ajudaremos outros a sair deste caos – não no futuro, não amanhã, mas *agora*. Esse é seguramente o nosso problema.

A guerra está provavelmente a chegar, mais destrutiva, mais terrível do que nunca. É certo que não seremos capazes de a impedir, porque os problemas são demasiadamente fortes e demasiadamente próximas. Mas vós e eu podemos perceber a confusão e o sofrimento *imediatamente*, não é assim? Temos de percebê-los, e então estaremos numa posição de sermos capazes de despertar a mesma compreensão da verdade em outra pessoa. Por outras palavras, poderemos ficar instantaneamente livres – porque essa é a única maneira de sairmos desta agonia. A percepção só pode ter lugar no presente; mas se dizemos, “Farei isso amanhã”, a onda de confusão apanhar-nos-á, e ficaremos então sempre envolvidos nela.

Ora será possível chegar a esse estado quando nós mesmos percebemos a verdade instantaneamente e portanto pôr fim à confusão? Digo que é, e que esse é o único caminho possível. Digo que isso pode ser feito e deve ser feito, sem me basear na suposição ou na crença. Produzir esta extraordinária revolução – que não é a revolução para se ver livre dos capitalistas, para instalar outro grupo – para produzir esta maravilhosa revolução, que é a *única* revolução verdadeira, é o problema. O que geralmente se chama revolução é meramente a modificação ou a continuação da “direita”, de acordo, com as ideias da “esquerda”. Afinal, a “esquerda” é a continuação da “direita” numa forma modificada. Se a “direita” for baseada em valores dos sentidos, a “esquerda” é apenas uma continuação dos mesmos valores dos sentidos,

diferindo apenas em grau ou expressão. Portanto, a verdadeira revolução só pode ter lugar quando cada um de nós, o indivíduo, se tornar muito atento na sua relação com o outro. Seguramente, o que cada um de vós é na sua relação com o outro, com a sua mulher, o seu filho, o seu patrão, o seu vizinho, é a sociedade. A sociedade por si só não existe. *A sociedade é o que vós e eu criamos no nosso relacionamento*; é a projecção exterior de todos os nossos próprios estados psicológicos. Assim, se vós e eu não nos compreendermos a nós mesmos, transformar meramente o exterior, que é a projecção de interior, não tem qualquer significado; isto é, não pode haver nenhuma alteração significativa ou modificação na sociedade enquanto não me compreender a mim mesmo na relação convosco. Se eu estiver confuso na minha relação, crio uma sociedade que é a réplica, a expressão exterior daquilo que sou. Isto é um facto óbvio, que podemos discutir. Podemos discutir se a sociedade, a expressão exterior, me produziu a mim, ou se eu produzi a sociedade.

in A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE

~ ~ ~

Qual é a função do professor? Três correntes de trabalho. A função de Brockwood.

Encontro com o Pessoal de Brockwood

KRISHNAMURTI: Qual é a função do conhecimento? Vós estais aqui, ensinando matemática, geografia, biologia, etc.: qual é o papel disso na vida?

Questionador: É uma ferramenta que o indivíduo pode usar na sua acção.

KRISHNAMURTI: Acção numa determinada direcção.

Questionador: É o nosso passado que se manifesta nas nossas acções, seja ele conhecimento retirado da experiência ou de um livro.

KRISHNAMURTI: Falei, ontem, com os pais de um jovem, em Londres. O filho tem 19 anos. Quando tinha 18, ia entrar para a universidade e, de repente, desistiu de tudo, passou a tomar drogas e deu o dinheiro que tinha a um certo guru, e agora faz meditação durante uma hora por dia. Os pais estão preocupados, e perguntam: “O que irá acontecer-lhe?”

O que irá acontecer a esses rapazes e raparigas que estão aqui na Escola, que foram ensinados pelos senhores, a quem foi dada toda a informação sobre arte, música, geometria, História e Inglês? Eles adquiriram todo esse

maravilhoso conhecimento técnico, e depois o que lhes irá acontecer? Será que tudo isso os tornará funcionários de sucesso numa sociedade podre? Se um rapaz não entra na universidade para conseguir um diploma, ele acha que é muito difícil arranjar emprego, a menos que possua uma outra qualquer qualidade pessoal. Assim, o que é que nós estamos a tentar fazer? Damos-lhes todos esses conhecimentos e esquecemo-nos completamente de um vasto campo, da outra parte da vida. Estais a perceber o que quero dizer?

(...)

KRISHNAMURTI: Posso colocar a questão de uma maneira diferente? Qual é a função do professor?

Questionador: Indicar um modo de viver.

KRISHNAMURTI: Para além de “o professor é o que aprende”, qual é o papel do professor?

Questionador: Poderia, possivelmente, ser o inspirador do estudante, fazendo uso daquela energia que permitisse ao outro, depois, continuar a sua própria vida.

KRISHNAMURTI: Vós inspirais os vossos estudantes? Não gosto da palavra “inspirar”. Não quero inspirar ninguém -- quem sou?

Questionador: Nós não os inspiramos; nós libertamo-los para a sua própria energia. Removemos aquilo que está a impedir.

KRISHNAMURTI: É essa a função do professor? -- fazê-los estudar, inspirá-los, encorajá-los, estimulá-los a estudar quando não estão interessados? Foi dito que temos de os ajudar a encontrar um objectivo para a vida.

Questionador: Descobrir o que é a vida, no sentido de eu, como indivíduo, me vir a entregar no todo dessa vida.

KRISHNAMURTI: Reparai no que está a acontecer no mundo. Milhares de rapazes estão a abandonar as universidades, tomam drogas, praticam sexo individual ou em grupo, fogem de casa, juntam-se a aterradoras comunidades ou seitas, cortam o cabelo rente, dançam no meio das ruas, dão o seu dinheiro a um qualquer guru.

Questionador: Acontece porque eles não tiveram a educação correcta.

KRISHNAMURTI: Estaremos nós, aqui, a dar-lhes a educação correcta?

Questionador: Se lhes dermos essa educação, eles não farão essas coisas.

KRISHNAMURTI: Não, não é isso. O que estamos nós a tentar fazer, como professores? Damos-lhes alimentos vegetarianos, pedimos-lhes que se levantem a horas, que sejam asseados, tentamos levá-los a ajustarem-se. Basicamente, o que é que estamos a fazer aqui?

Questionador: Primeiro que tudo, temos de estar conscientes do nosso condicionamento na relação com o aluno.

KRISHNAMURTI: Não.

Questionador: Passamos muito tempo em contacto com os estudantes, chamando-os à atenção para todas as coisas que fazem diariamente, como correr pelos corredores. Desta maneira, quase que estragamos a nossa relação com eles. Repare-se, um jovem, aqui, não tem a sua mãe, tem vinte, trinta mães -- todas apontando-lhe as coisas erradas que ele faz. O que desejo saber é: Que tipo de educação, que abordagem devemos tentar com o jovem para que ele não queira mais fazer corridas no corredor.

KRISHNAMURTI: Não. Gostaria de olhar para a questão desta maneira: Eu posso estar errado. Todos sabem o que está a acontecer no mundo; politicamente, todos os governos são corruptos, realmente corruptos, não superficialmente mas profundamente. E há todos esses gurus viajando por todo o lado, recolhendo o dinheiro dos seguidores, distorcendo as mentes da gente nova; há as drogas de vários tipos, há o exército, há os negócios. Olhando para o que está a suceder, não abstractamente mas com objectividade, pergunto: O que estamos a pensar fazer com estes jovens? Levá-los a encaixarem-se nessas coisas?

(...)

Questionador: Onde está o problema? -- no professor ou naquele que é ensinado?

KRISHNAMURTI: Nos dois. Não se tem o material. Se se quiser fazer um bom fato, tem de se ter bom material.

Questionador:(1) Eu diria que o material já está um pouco moldado.

(...)

KRISHNAMURTI: Portanto, há auto-conhecimento e conhecimento académico, sendo este sempre do passado, sempre adicionando ou retirando, moldando -- tudo isso. Se eu disser: "Conheço-me a mim mesmo", isso é conhecimento que adquiri na observação a mim mesmo. Isso não me dá liberdade -- estou ainda preso ao conhecimento que tenho de mim.

Questionador: Da ideia que tenho de mim.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor.

Questionador: É usar as regras do conhecimento científico e aplicá-las ao auto-conhecimento; aí está a dificuldade.

KRISHNAMURTI: Não. Suponha que alguém nunca pôs os pés na universidade, ele pode aprender sobre si mesmo na sua relação com os outros.

Questionador: E ele vai construindo sobre isso, ou armazenando algures esse conhecimento?

KRISHNAMURTI: No momento em que ele armazena isso, transforma-se logo em impedimento e, portanto, deixará de ser livre. Estou a ser claro?

Questionador: Quereis dizer que no aprender acerca de nós próprios há duas coisas. Uma, é pegar em pequenos factos sobre nós, armazená-los e dizer: “Faço isto e isto”. A outra, é a percepção, em profundidade, da globalidade desse processo, no qual nós, de repente, vemos o todo e, assim, acabamos com o processo.

KRISHNAMURTI: Que não tem nada a ver com a acumulação de conhecimento acerca de nós mesmos.

Questionador: Quer dizer que atinjo um certo nível que faz desaparecer todo o conhecimento feito de pequenos pedaços, porque os vi.

KRISHNAMURTI: Vemos a totalidade de nós...

Questionador: ... e, assim, temos liberdade.

KRISHNAMURTI: É isso. Isso é liberdade. Se eu aprender sobre mim mesmo e disser: “Não devo fazer isto, devo fazer aquilo” --conhecemos todas as coisas insignificantes que têm a ver com isto -- esse conhecimento vai limitar-me: não me atreverei mais a fazer seja o que for livremente, espontaneamente. Penso que agora já começámos a ver os diferentes tipos de conhecimento. Então o que é que nós pretendemos criar no estudante? Ensina-mo não apenas o conhecimento livresco, isto está entendido. E o que é a outra parte? Estaremos nós a tentar ajudar e estudante a conhecer-se, pouco a pouco, a si mesmo? -- juntando conhecimento sobre si mesmo através de pequenas acções? Ou estamos a ajudá-lo a ter uma percepção global de si mesmo, de modo que tudo tome o seu lugar certo? -- todas as pequenas coisas -- como comportar-se, como estabelecer boas relações, tudo isso toma o seu lugar próprio. Assim, como vou eu conduzir as coisas, para ajudar o estudante a chegar a esse ponto?

(...)

Assim, há três coisas com as quais estou envolvido: conhecimento académico, falar-lhe no que tem de fazer e, ao mesmo tempo, dizer-lhe: “Repara, se conseguires essa percepção interior, tudo irá para o lugar que lhe pertence”. Tenho estas três correntes, como se de água fossem, correndo harmoniosamente juntas. Como é que vou fazer passar isto? Como é que eu vou ajudar o estudante?

Questionador: Ele tem de ver onde tudo isso se encaixa.

KRISHNAMURTI: Não, não. Mais uma vez, estais a tentar moldá-lo com algo. E ele dirá: “Está bem, eu adapto-me a isso”.

Observemos, primeiro, o problema. O conhecimento académico é uma das correntes. A outra refere-se aos detalhes, como: “Levanta-te”, “Não façam isso”, “Não façam aquilo” -- que cada um tem mesmo de pôr em prática. E a terceira corrente é dizer: “Olha, ser supremamente inteligente significa que tu, instintivamente, fazes o que é correcto no teu comportamento”. Deixemos que todas as três correntes corram harmoniosamente juntas.

(...)

Vejo as três coisas: a percepção interior ou inteligência, o comportamento pormenorizado e a aprendizagem académica; e sinto que elas não estão juntos em movimento, não estão a formar um rio harmonioso. E digo para mim mesmo: o que vou fazer, como vou ensinar estas três coisas, para que formem um todo? Quando escutais isto, tirais uma conclusão, dizendo: “Sim, aceito isso como uma ideia”. E as coisas tornam-se difíceis, e dizeis: “Não sei o que fazer”. Mas se é uma realidade para mim, como a vou eu transmitir ao estudante -- não a ideia. Pessoalmente, nunca tive qualquer problema ou conflito acerca de tudo isto.

Assim, sendo professor e vivendo aqui numa relação um pouco íntima com os estudantes -- íntima no sentido de contacto diário --, como vou eu mostrar isto? Estou a perguntar-vos, como ides mostrar isto a um jovem? -- mas não como uma ideia. Se é uma ideia, então quer dizer que tendes de a praticar, de lutar com ela, e todo o sem-sentido começa.

in BEGINNINGS OF LEARNING

LIVROS DE K. TRADUZIDOS E PUBLICADOS EM PORTUGAL

O MUNDO SOMOS NÓS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

CARTAS ÀS ESCOLAS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE – Editorial Estampa

O VOO DA ÁGUIA – Editorial Estampa

A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM – Edições Itau (esgotado)

MEDITAÇÕES – Editorial Presença

APRENDER A VIVER – Livros de Vida Editores

MEDITAÇÃO-A LUZ DENTRO DE NÓS – Editora Dinalivro

A VIDA – Editorial Presença

SERÁ QUE A HUMANIDADE PODE MUDAR? – Editora Dinalivro

O SENTIDO DA LIBERDADE – Editorial Presença

CARTAS A UMA JOVEM AMIGA – Editorial Presença

Contactos das Editoras:

Editora Livros Horizonte - Rua das Chagas, 17, 1º, 1200-106 LISBOA;

telef.213466917; www.livros horizonte.pt;

geral@livros horizonte.pt

Editorial Estampa - Rua da Escola do Exército, 9, r/c Dto., 1169-090

LISBOA; telef.213555663; www.estampa.pt; estampa@estampa.pt

Editorial Presença - Estrada das Palmeiras, 59, Queluz de Baixo, 2730-

132 BARCARENA; telef.214347000 ; www.presenca.pt;

info@presenca.pt

Livros de Vida Editores – R.. Francisco Lyon de Castro, Apartado 8,

2725-354 MEM MARTINS; www.europa-america.pt;

secretariado@europa-america.pt

Editora Dinalivro - Rua João Ortigão Ramos, 17 A, 1500-362 LISBOA;

telef. 217122210; www.dinalivro.pt; comercial@dinalivro.pt

Os livros poderão ser encontrados em qualquer boa livraria ou encomendados às respectivas editoras.

ESCOLAS KRISHNAMURTI

ÍNDIA

RISHI VALLEY EDUCATION CENTRE

Internato
Idades 9 a 18

RAJGHAT EDUCATION CENTRE

Internato
Idades 7 a 18
Escola feminina 19 a 21

THE SCHOOL – KFI

Escola de Dia
Idades 4 a 18

THE VALLEY SCHOOL

Escola de Dia e Internato
Idades 6 a 18

BAL-ANAND

Escola de Tempos Livres
para crianças

SAHYADRI SCHOOL

Internato
Idades a partir dos 9 anos

UTTARKASHI EDUCATION CENTRE

INGLATERRA

BROCKWOOD PARK SCHOOL

Internato
Idades a partir dos 14 anos
Escola de Dia a partir dos 5 anos

E.U.A.

THE OAK GROVE SCHOOL

Escola de Dia
Idades 3/5 a 19
Internato-Idades 10 a 19

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados, mas podem ser consultados na página da Fundação K: www.kfoundation.org.

FUNDAÇÕES KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI FOUNDATION TRUST

Brockwood Park - Bramdean, Nr. Alresford - Hants SO24 0LQ, REINO UNIDO

Telefone: 00 44 (0) 1962 771525, Fax: 00 44 (0) 1962 771159

e-mail: info@kfoundation.org | site: www.kfoundation.org

ÍNDIA - Krishnamurti Foundation India

E.U.A.- Krishnamurti Foundation of America

ESPAÑA/AMÉRICA LATINA - Fundación Krishnamurti Latinoamericana

CENTROS (COMITÉS) INTERNACIONAIS

ÁFRICA DO SUL

AUSTRÁLIA

ALEMANHA

BÉLGICA

BRASIL

BULGÁRIA

CANADÁ

CHINA

COREIA DO SUL

DINAMARCA

EGIPTO

ESLOVÉNIA

ESPAÑA

FINLÂNDIA

FRANÇA

GRÉCIA

HOLANDA

HONG KONG

HUNGRIA

NORUEGA

INDÓNESIA

IRLANDA

ISRAEL

ITÁLIA

JORDÂNIA

MALÁSIA

MAURÍCIAS

NEPAL

NOVA ZELÂNDIA

NORUEGA

FILIPINAS

POLÓNIA

PORTUGAL

REPÚBLICA CHECA

ROMÉNIA

SINGAPURA

SRI LANKA

SUÉCIA

SUIÇA

TAILÂNDIA

TUNÍSIA

TURQUIA

UGANDA

Para além destes Centros Internacionais (Comités), outros centros de informação continuam a ser criados em alguns dos países acima referidos, bem como em países nos quais não existe qualquer comité. Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados mas podem ser consultados na página da Fundação K: www.kfoundation.org.

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI

Rua Cândido Oliveira, 75, 4º dto trás

4715-012 BRAGA – PORTUGAL

Telefones: +351 965477360 | +351 969734650

E-mail: nucleok@sapo.pt

Sítio: www.kfoundation.org/portugal

Distribuição gratuita